

preto e o branco reproduzem o positivo e o negativo de um retrato recomposto com a ajuda de vários traços e diferentes olhares, traz na capa o esboço de um rosto que se oferece como mistério e enigma, fruto do desenho fino de Ceschiatti. Na contracapa, De Chirico assina um retrato de cores fortes e de emoções vermelhas. Ao leitor é dada a tarefa de recomposição de outros retratos, nascidos de novos arranjos e igualmente exibidos de maneira a ressaltar perfis multifacetados e fugidios.

O final de *Clarice: uma vida que se conta* recompõe, em fragmentos, os textos e falas da escritora, acometida de câncer e entregue à reflexão sobre a sua poética de vida. Inscrito no corpo, o nome Lispector se transforma em literatura, doação de palavras e troca simbólica, num momento em que os lírios no peito se encontram prestes a sofrer o golpe desmetaforizante da morte. Clarice, ser literário e eterno, sente, contudo, a força da metáfora e a lucidez metafísica da morte e da ressurreição cristalizadas na assinatura incrustada no próprio peito:

Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito(...). Lírios brancos encostados à nudez do peito. Lírios que eu ofereço e ao que está doendo em você. Pois nós somos seres e carentes. Mesmo porque estas coisas - se não forem dadas - fenecem. Por exemplo - junto ao calor de meu corpo as pétalas dos lírios se crestariam. Chamo a brisa leve para a minha morte futura. Terei de morrer senão minhas pétalas se crestariam. É por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço. (p.482-483).

O livro de Nádia Gotlib vem trazer mais luz a esta literatura que os lírios no coração de Clarice nos legou, ao relatar, com sensibilidade, paixão e rigor, a história de uma existência que se transformou, gradativamente, em ficção.

Eneida Maria de Souza

UFMG

VOZES DO CORPO

SANTIAGO, Silviano. *Cheiro forte*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

O historiador Paul Veyne, em recente entrevista, disse que “existem sempre duas tendências na poesia, uma concepção um pouco sagrada, onde a obscuridade domina, e uma concepção bem mais carnal.” Creio que *Cheiro forte* de Silviano Santiago, livro de poemas perturbador, aproxima-se mais da segunda tendência, embora em nenhum momento abra mão de um rigoroso e refinado trabalho com a linguagem.

O professor e o crítico que Silviano também é não abandonaram o poeta de *Cheiro forte*. As epígrafes e o posfácio iluminam a leitura dos poemas. No fragmento kafkiano escolhido para uma das epígrafes estão as marcas da diferença (“o mais pensativo de todos”) e do orgulho (“não precisa de ajuda, não cai”) que acompanham o sujeito lírico nos poemas. E nos quadros de Rui Gonçalves – a outra epígrafe – anunciam-se as tensões básicas do livro: “razam/paixam”, “razam/sexualidade, coração”.

Os poemas não trazem títulos, mas todos eles falam do corpo e, principalmente, deixam o corpo falar. Um corpo que se sabe morrendo todos os segundos. Um corpo que se sabe vivendo todos os segundos. “Mordo o hoje/para sabê-lo/saboreá-lo/chupá-lo”. Um corpo reconhecidamente precário (“estranha geringonça”), que demanda compreensão e benevolência (“saiba compreendê-lo”), reconforta o médico.

A doença e o desejo são as vozes privilegiadas do corpo. A primeira se envolta em versos que traduzem uma visão boschiana (uma “besta feroz” com as “mandíbulas abertas”) e o segundo se materializa em imagens tensionadas entre a violência e a delicadeza. O matiz é a própria delicadeza da arte e, nesses poemas de Silviano, convive com a

agressividade de imagens do desejo como a “faca amolada” e a frequência agônica do grito.

Um exemplo dessa oscilação de tom é um belo poema que tematiza eficazmente a antecâmara do dizer, as intermitências de uma espera muito ativa de que o som se faça em convite ou ordem: “vem”. Embora “pronto da garganta”, esse ainda não-som espera “o sopro/que determina o tom”. É a “cordilheira do Antes” que aparecerá adiante em outro poema. E a tensão não se resolve. Ou melhor, resolver-se-á adiante na seqüência também matizada de gritos, a lembrar a tela de Edvard Munch: “o grito do suicida”, “um grito sabe”, “se grito, por que grito?”

George Steiner lembra que, na poesia do Ocidente, “uma tradição encontra a luz nos limites da linguagem. Outra, encontra a música”. Os poemas de Silviano dignificam as duas tradições. O texto final de *Cheiro forte* sobre as vítimas do acidente com o césio em Goiânia é um doloroso rastilho de luz que, sinestesticamente, atravessa a comovida e comovente voz do eu-lírico (um eco patético da “maravilha de milhares de brilhos vidrilho” do “Noturno de Belo Horizonte” de Mário de Andrade): “milhares infinitos milhares/minúsculos diamantes em pó”. A luz nos limites da linguagem ou a própria linguagem-luz no corpo infantil iluminado de morte: “no pescoço pulso orelhas”.

O verso poético teve sua origem no canto. No princípio era o acorde. Há um poema de Silviano em que o murmúrio de vento é uma doce canção aos nossos ouvidos, nascida diretamente das assonâncias e aliteraões orquestradas pelo poeta: “Entreabro a janela/o suficiente/para apreciar/a música/que o vento inventa/ao enfrentar/obstáculos”. As palavras do poeta não dizem apenas o que querem dizer, mas o dizem de uma forma que potencializa esse dizer.

A poesia é o lugar em que a língua exercita seus possíveis e impossíveis e suporta mal a demanda da clareza.

Há um poema em que Silviano desloca a função tradicional de locuções conjuncionais ou adverbiais que, na prosa de língua portuguesa, não passam de pobres indiciadores de circunstâncias. Aqui, só elas estão presentes e guardam em seu corpo, todo o potencial de sentido das muitas falas nelas implícitas: “Já que/assim sendo/A fim de que/como se/A menos que/visto que/salvo se/Todas as vezes que/Quanto mais/De maneira que/Adeus!” Apenas o conclusivo “Adeus!” delimita um pouco o feixe de possibilidades sêmicas dos outros versos.

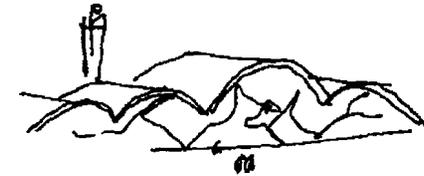
Um estudo mais amplo de *Cheiro forte* deverá se deter nos diálogos que Silviano mantém com Baudelaire, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector, entre outros, e revelar um pouco do rico repertório cultural de que o poeta se vale para as figurações do amor e do desejo. Lembro apenas o verso final, em tom de desabafo, de um poema em que o sujeito lírico fala em milhares de “sombras indistintas” que carrega consigo: “Os ombros não suportam mais”, em que a distinta sombra de Drummond vem se postar no espaço vazio da página.

Retomo o início dessa resenha para lembrar novamente a fraternidade entre o talentoso professor, o respeitado crítico e o surpreendente poeta, que se abrigam sob o nome de Silviano Santiago. O professor conversa em off com o leitor através dos parênteses, na seguinte seqüência de um dos poemas de *Cheiro forte*: “Entre as duas metades/da maçã cortada ao meio/(metáfora)” ou orientando a leitura através das epígrafes. Quanto ao crítico, ele está inteiro no posfácio, em que situa com lucidez a posição do poeta na sociedade de mercado (poético, entre outros).

Não há espaço aqui para comentar com mais vagar esse posfácio, mas penso que ele pode dialogar com um poema do livro, em que o sujeito lírico lembra o fato, ocorrido em Paris, de ter sido ele acusado de “tricheur” por uma moça em um guichê. A moça errara no troco, mas preferiu repassar a

falta para o poeta. Só espero que o “cheque poético” (ou o choque poético) que se chama *Cheiro forte* possa circular de maneira legítima e seja reconhecido não apenas pela respeitável “coluna de crédito” de quem o assina (não se trata de um moedeiro falso), mas pela certeza de que as “cifras” a uma inquestionável e fulgurante verdade estética.

Antônio Sérgio Bueno
UFMG



Modernidades Tardias no Brasil

CENTRO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ROCKEFELLER FOUNDATION

RESIDENT FELLOWSHIPS IN THE HUMANITIES

1997 - 1999